
A Economia e a Urbanidade

- O olhar da Economia (enquanto disciplina) para a cidade é, como não poderia deixar de ser, parcial. Na verdade, a economia das cidades não é um ramo que se coaduna facilmente com a macroeconomia, que é a análise econômica definida segundo o recorte nacional. A cidade não constitui, em economia, um objeto de estudo claramente definido. Eis um exemplo que vem de Benjamin Chinitz (um dos principais economistas urbanos americanos): a cidade é *“uma zona na qual o desenvolvimento alcança certo nível de densidade”*. Resultados possíveis desse desenvolvimento podem ser integrados nos quadros estatísticos, mas o que há de próprio nesse desenvolvimento, fornecido pela cidade enquanto organização geossocial, tem ficado longe do olhar econômico. Teoricamente, o fato de cada cidade ser mais ou menos irreduzível (meio complexo, não reproduzível), faz da cidade um objeto mais afeito às abordagens qualitativas, algo que se afasta da macroeconomia convencional. A cidade pode ser reduzida a alguns parâmetros quantitativos: tamanho, superfície, densidade, qualificação de mão de obra etc., sem, no entanto, apreender-se a complexidade global que justifica sua especificidade. A cidade é um fenômeno em si.
- Outra dificuldade para o olhar econômico sobre as cidades se refere à importância das forças que operam fora do mercado. Há forças não mercantis operando no mundo do mercado. O que produziu a cidade como lugar de trocas não foi a própria troca mercantil. Segundo Laurent Davezies,
“a cidade se constrói e se desenvolve além da troca mercantil, para criar as condições espaciais do funcionamento do mercado, e pelo jogo de forças que não são unicamente aquelas do mercado.”
Elementos urbanos não-econômicos, responsáveis pela força e especificidade do mercado urbano
 1. Esses elementos não-econômicos serão designados pelos economistas como “economias externas”. São transferências de valor sem contrapartida monetária.
 2. A aglomeração (a densidade, a copresença) de agentes diversos no espaço (quer dizer, a cidade), tem por efeito ampliar e de criar diferentes mercados (de emprego, de bens e de serviços, de informação, das relações interpessoais, das produções culturais estéticas, das atividades esportivas etc.). Muitos bens, que hoje nos parecem indispensáveis e naturais surgiram como efeito da copresença.
 3. A densidade potencial de cada mercado permite explorar economias de escala.

4. Os efeitos de imitação e da possibilidade de difusão rápida – e gratuita – da informação na cidade – em especial nas grandes cidades, ou regiões urbanas – representam importantíssimas “economias externas.”
5. A cidade (a copresença) impõe um espaço integralmente construído e gerido com engenhosidade sofisticada e faz nascer a economia urbana propriamente dita, que são todas aquelas atividades (materiais e imateriais) necessárias para fazer a cidade funcionar: serviços diversos, indústria da construção civil e um conseqüente mercado imobiliário e o mundo do abastecimento (desde o comércio mais sofisticado ao mercado básico de alimentos). Isso do ponto de vista da modernização, agora considerando as atividades vistas como não modernas, há uma profusão delas e que de fato são elas que sustentam a maior parte das populações das grandes cidades brasileiras. Milton Santos designou essas atividades como o *circuito inferior da economia urbana*.
6. As economias externas das cidades (e nelas devemos incluir a inteligência urbana gerada no urbano) são atraentes para negócios econômicos não diretamente vinculados à economia urbana (por exemplo, as indústrias em geral que possuem mercados genéricos), o que fortalece a economia urbana, desde que a presença de parques industriais não gerem “deseconomias externas” que comecem a neutralizar as economias externas.
7. A questão chave que então deve ser colocada é: qual a relação entre a urbanidade e a produção de economias externas que vão dar mais ou menos produtividade para as cidades? Um desdobramento dessa questão, mas que não é de menos importância diz respeito à relação da urbanidade e a qualidade social (algo externo ou interno?) da economia de uma cidade (a economia urbana propriamente e a economia genérica que busca as cidades densas). Economia que concentra capital, que não distribui renda adequadamente, que não qualifica seus trabalhadores, que homogeneiza bens e que concentra localizações (os estabelecimentos também são em si, bens de consumo), que elimina diversidade (a morte da rua) atua contra a urbanidade, atua a favor da produção de deseconomias externas (os congestionamentos e outras irracionalidades), e contra a produção de economias externas, logo numa dada escala, não tão fácil de mensurar, contribui para a diminuição da produtividade econômica das cidades.

Bibliografia

DAVEZIES, Laurent. *La ville des économistes*.